

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac)

Curso de Comunicação Social –Habilitação em Jornalismo

**Produção do livro-reportagem “IMPERIA”**

Elcio Cassola Padovez

BAURU (SP)

Novembro de 2010

Elcio Cassola Padovez

### **Produção do livro-reportagem “IMPERIA”**

Projeto experimental de Pesquisa apresentado pelo discente Elcio Cassola Padovez, como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Professor Doutor Marcelo Bulhões.

BAURU (SP)

Novembro de 2010

## AGRADECIMENTOS

O espermatozóide mais esperto da safra 1986, aliado a um óvulo espetacular, produziram o primogênito dos netos da família Padovez. O primeiro dos seis netos de Jamile e Duartino Padovez, e o primeiro dos três netos de Adirce e Délvio Cassola. Na pequena Macaubal, uma Macondo no interior paulista, em 16 de janeiro de 1987, nasceu um menino cabeludo, olhos verdes, sobranceiras e cílios enormes. Alma de artista. Macaubal foi a terra dos primeiros sonhos, de um ateliê com telas, orquídeas e peças de teatro.

Escola Objetivo de Nhandeara. Depois, o Dom Bosco de Monte Aprazível para terminar o colegial em Nhandeara, repleto de excelentes professores, como o Panta, o Evandrão, o Paulo, o Paulão, além da saudosa diretora Evany, fumando sempre um cigarro, uma mulher ruiva e forte que adorava Elis Regina. Na sala dela, tomei os primeiros goles de café. Mudamos para Monte Aprazível em 2005. Um semestre de cursinho no COC de Rio Preto. Amores loucos com a Barbara antes do intercâmbio na Alemanha.

Um ano germânico, crucial. Se enfrentar no espelho, descobrir o verdadeiro eu. No caminho, quatro famílias inesquecíveis: os Rupertus; os Antoni; os Müller-Jehle e os Andreas. O despertar do jornalista enquanto meu pai, ao telefone, me dizia ter sonhado comigo sendo tipo o Marcos Uchôa. A Copa do Mundo. Mais seis meses no COC. A professora Sandra e suas aulas de redação que me ajudaram muito a ganhar o 9,75 para ingressar na Unesp, em 2007.

Quatro anos maravilhosos. A vida no apartamento da Rua Piauí com o Tripa. A fundação da República Risca Faca. Buba, Delei, Grévis, Jackie, Malfoy, Miau, Noruska e Tripa. Festas inesquecíveis. Bregas, malandros e comunistas. Brigas, discussões, jantares e abraços da família Risca.

Quatro anos de professor de Alemão no Centro de Idiomas do Dafa. Um ano como professor de História no Cursinho Principia. Uma centena de alunos que passaram pelas minhas mãos e me ajudaram a me tornar uma pessoa mais paciente e humana. Quando eu imaginei que seria um bom professor.

Os grandes amigos da faculdade. A Tuca, a Mell, o Netto, a Kitty, o Pardal, a Itajubá, a Mulan, a Beijo. Os amigos e conhecidos. Os desafetos. Experiências que enriqueceram meu jeito de me relacionar com o outro. Os ótimos professores, mestres além do papel e dos títulos. Os maus professores, que eu prefiro esquecer.

Os trabalhadores de *Donner Ski Ranch* da temporada 2008/2009, as crises de loucura do Max Fox e aos berros do Lincoln Kauffman. Amigos brasileiros que fiz e que me receberam tão bem em suas casas no Sul e no Rio de Janeiro para a realização das entrevistas.

Carlos Carmello, que me deu a primeira oportunidade para brincar de jornalista, no A Voz Regional, durante grande parte da minha graduação. Junto com o Carmello, a Flávia e o Adriano aguentaram minhas ideias malucas nas duas vezes em que fui editor-chefe do jornal.

Marcelo Bulhões, que no primeiro ano de faculdade me chamava de aluno mais combativo da turma e aceitou orientar esse projeto, com suas caras e bocas, seus *Rosenfelds* e suas roupas muito estilosas.

Mulheres e homens que habitaram e habitam minha vida, meus pensamentos e minha cama. Os textos, as pinturas e o mundo das artes. O vinho, a cerveja, a maconha, o narguileh e o café.

A tudo isso acima, meu agradecimento. Com IMPERIA, deixo uma fatia da vida, uma pequena contribuição ao jornalismo.

## **Banca Examinadora**

Prof. Dr. Marcelo Bulhões (orientador)

*Departamento de Ciências Humanas da FAAC*

*Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”*

Carlos Carmello

*Editor-chefe do A Voz Regional de Monte Aprazível e*

*Tanabi*

Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura

*Departamento de Ciências Humanas da FAAC*

*Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”*

**Bauru, 08 de novembro de 2010**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
 <b>PARTE 1- RELATÓRIO</b>	
<b>1 Uma mistura de convergências .....</b>	<b>07</b>
<b>1.1 Gonzolândia .....</b>	<b>09</b>
<b>2 O Jornalismo de Viagem .....</b>	<b>10</b>
 <b>PARTE 2- O PRODUTO</b>	
<b>1 Uma produção imperial .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 O nome .....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 O narrador-repórter .....</b>	<b>14</b>
<b>2 Metodologia .....</b>	<b>15</b>
<b>3 Construção e Linguagem .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 <i>On the Road</i> .....</b>	<b>16</b>
<b>3.2 Língua preta .....</b>	<b>17</b>
<b>4 Projeto Gráfico .....</b>	<b>18</b>
<b>4.1 A Diagramação</b>	
<b>4.2 Uso das imagens e dos anexos</b>	
<b>Referências .....</b>	<b>19</b>

## O IMPÉRIO DA LIBERDADE

Os EUA chamam a atenção do mundo. Não adianta bater o pé, fazer beicinho e expressar repúdio aos norte-americanos. Desde o século XVIII, com destaque nos séculos XIX e XX, os EUA se tornaram o império mais emblemático da história contemporânea. Todos os dias, seus aeroportos e suas fronteiras terrestres recebem imigrantes, legais ou não, impulsionados pelo Sonho Americano, a oportunidade de se entupir de dólares e melhorar de vida. Para os universitários brasileiros de classe média e alta, o programa de intercâmbio *Work and Travel* materializa a oportunidade de se passar as férias de final de ano trabalhando e viajando pelos Estados Unidos.

Eu nunca tive vontade de conhecer os EUA. Para mim, era um país inosso, que não fedia nem cheirava. Só que eu tenho a curiosidade do viajante, de arrumar as malas e rodar mundo. Antes do *Work and Travel*, tinha feito intercâmbio na Alemanha (2005/2006) e viajado muito pelo Brasil e América Latina. Mas não queria viajar para os EUA apenas a turismo, ficar uma semana em Nova Iorque zanzando. O que me atraía no país era conhecer mais de perto o funcionamento de uma nação-continente, a sociedade e hábitos culturais e de vida. Fazer uma viagem de imersão. E não havia momento melhor do que 2008, ano em que a crise econômica e habitacional explodiu em solo norte-americano e Barack Obama tinha sido eleito o primeiro presidente negro do país. Um prato cheio para um jornalista curioso e interessado em assuntos internacionais.

Em dezembro de 2008, após me inscrever no *Work and Travel*, pagar todas as taxas referentes ao intercâmbio (por volta de R\$ cinco mil) e ser aprovado na entrevista de emprego, embarquei. Vivi nos EUA durante quatro meses (dezembro de 2008 a março de 2009) período em que decidi escrever o livro-reportagem IMPERIA, criado a partir de minhas experiências pessoais e entrevistas e depoimentos de ex-funcionários da estação de esqui.

## PARTE 1- RELATÓRIO

### 1 Uma mistura de convergências

Não é de hoje que jornalismo e literatura se encontram e se confundem nas páginas dos livros. Entende-se como “jornalismo literário” a textualidade jornalística fundida com procedimentos literários que, munida de intensa investigação, gera pequenas, médias ou grandes reportagens. É um estilo de jornalismo que vai além do factual do dia a dia, do *lead*, do tempo do relógio que apressa a redação a fechar o jornal ou a atualização muito rápida dos sites de notícias da internet. O repórter literário faz uma imersão na reportagem e a escreve de maneira mais autoral.

Desde os tempos mais remotos, o relato jornalístico-literário está presente. Homero, que viveu na Grécia antiga e autor do livro *História*, pode ser considerado pioneiro dessa mistura entre o narrar um fato como ele é e o ficcional, já que suas crônicas de viagens pela Grécia e Ásia Menor contêm relatos e observações pessoais do autor acerca da sociedade, da vida das pessoas e biografias de personagens históricos, como o imperador persa Xerxes.

No século XIX, a literatura do realismo social e naturalista, com o inglês Charles Dickens e os franceses Honoré de Balzac e Émile Zola, inspiraram jornalistas a aplicar em seus textos a realidade com elementos ficcionais. No Brasil, as convergências entre jornalismo e literatura podem ser identificadas no fim do século XIX e o início do século XX. Em 1887, Euclides da Cunha publica no jornal O Estado de São Paulo suas primeiras reportagens sobre a Guerra de Canudos. Em 1902, lança *Os Sertões*.

No Rio de Janeiro, podem-se citar os nomes do naturalista Lima Barreto e do jornalista Paulo Barreto, que sob o pseudônimo de João do Rio, escreveu, a partir de uma ótica muito pessoal, reportagens sobre a sociedade carioca nas primeiras décadas do século XX. Segundo José Salvador Faro, João do Rio teria deixado marcas de um “pioneirismo inconfundível pela observação detalhada da realidade, pela coleta de informações, por meio de entrevistas e fontes”.

Truman Capote não se considerava parte do Novo Jornalismo Americano, surgido no final da década de 1950. Capote preferia nomear suas obras de “romances de não-ficção”. Gay Talese, um dos maiores nomes do gênero, também fica pouco à vontade com o termo, tanto que prefere chamar suas reportagens de “literatura da realidade”. Mas afinal, por que o nome se quase nenhum autor desse gênero parece gostar dele?

Além do problema com a nomenclatura, escritores e jornalistas divergiram e continuam divergindo quanto à natureza do texto do “Novo Jornalismo”. Em 1965, com a publicação de *A Sangue Frio*, Capote ofereceu aspectos do que poderia ser a reportagem literária com a narração do assassinato dos Clutter, uma família de Holcomb, pequena cidade no Kansas. Durante os cinco anos em que esteve envolvido com a história, Capote teve acesso às celas dos assassinos, teve um relacionamento de muita proximidade com eles, além de com policiais e pessoas próximas aos Clutter.

Ser objetivo e imparcial são dois dos lemas mais importantes para um jornalista. Não para os jornalistas-literários, que se utilizam de elementos ficcionais na construção da reportagem. Em sua defesa, os “novos jornalistas” alegam usar procedimentos da narrativa ficcional sem interferir na veracidade dos fatos. Mas nas reportagens com elementos “psicológicos”, há a tentativa de transcrever o “pensamento” das fontes, fazendo com que o leitor se aproxime das personagens:

Gostava da ideia de começar uma história deixando o leitor, via narrador, falar com os personagens, intimidá-los, insultá-los, provocar-los com ironia ou condescendência, ou seja lá o que for. Por que o leitor teria de se limitar a ficar ali quieto e deixar essa gente passar num tropel como se sua cabeça fosse catraca de metrô?

(WOLFE,2004, p.31.)

Nos anos 1960, uma produção só ganhava o *status* de “Novo Jornalismo” quando a reportagem era publicada em um jornal ou revista. Nos EUA, revistas como a

*The Squire* e a *The New Yorker*, se tornaram expoente das primeiras obras de Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolfe. Paralelo ao Novo Jornalismo Americano, os anos 1960 e 1970 no Brasil viram a produção jornalístico-literária apresentar nomes como José Louzeiro (*Lúcio Flávio, Passageiro da Agonia*), Zuenir Ventura (*1968, o ano que não acabou*) além da revista Realidade, um marco no jornalismo brasileiro.

A partir da década de 1980, com os veículos de comunicação impresso em um processo de reformas gráficas, adotando cada vez mais o *lead* para construir a notícia, muitos repórteres literários começaram a publicar suas grandes reportagens em livros- denominados de livros-reportagem.

O novo suporte permitiu reportagens mais aprofundadas sobre temas dos mais variados, sendo que muitos assuntos que não teriam espaço em veículos periódicos. No livro-reportagem, a pauta se torna mais flexível e pode sofrer alterações ao longo do processo de apuração, pesquisa e escrita.

## 1.1 Gonzolândia

Vá se foder, Efrem. Isso vale para qualquer um de nós. Para você e para o pessoal da Mint, continuo no quarto 1.850- legal e espiritualmente, ainda que não em carne e osso- com um aviso de “Não Perturbe” dependurado na maçaneta para afastar qualquer aborrecimento. Meu advogado cuidou disso- e dos seiscentos sabonetes Neutrogena que ainda terei que entregar em Malibu. O que o FBI vai achar disso? Desse grande tubarão vermelho carregando sabonetes Neutrogena? São perfeitamente legais. Nós *ganhamos* esses sabonetes das camareiras. Elas podem confirmar...não podem?

É claro que não. Aquelas camareiras malditas e traiçoeiras vão jurar que foram coagidas por dois malucos com armamento pesado. Vão dizer que foram ameaçadas com uma Vincent Black Shadow até entregarem todos aqueles sabonetes.

(Hunter Thompson, Medo e Delírio em Las Vegas,p.94.)

Dentro de um carro cheio de drogas rumo a Las Vegas, Hunter S. Thompson registra suas impressões em um gravador. Ser um novo jornalista não

bastava. O principal elemento do “Jornalismo Gonzo”, o narrador-repórter, ainda estava por vir. E Thompson foi o responsável por essa guinada no jornalismo dos anos 1970.

Na reportagem do “pai do Gonzo”, o repórter faz a imersão na reportagem, além de se incluir nela (Thompson relata suas paranoias, seus porres e confusões) e narrá-la em primeira pessoa. Os primeiros experimentos literários de Thompson foram publicados na revista *Nation*. Na reportagem *Hell’s Angels*, o autor vai conhecer o universo dos motoqueiros da Califórnia mais afundo. Durante 18 meses, Hunter Thompson viajou de moto com o grupo pelos EUA, colhendo entrevistas e depoimentos dos integrantes, fazendo perfis, usando as roupas de couro que eles usavam e bebendo e usando drogas junto com os *Hell’s Angels*.

Em *Medo e Delírio em Las Vegas*, mesmo sendo enviado a Las Vegas incumbido de cobrir a Mint-400, tradicional corrida no deserto do Mojave, Thompson distorce a pauta original e se dedica a escrever sobre as sensações que os mais diferentes tipos e drogas e bebidas causam no organismo e mente dele e de seu advogado. Por algumas vezes, o jornalista admitiu não ter certeza daquilo que relatava. Devido a sua entrega ao álcool e as drogas durante algumas reportagens, Thompson tinha dificuldade o que era fato e o que era alucinação em seus textos gonzos.

O objetivo do jornalista gonzo não é apenas a narração do fato, mas relatar a experiência do próprio repórter com ele. O narrador-repórter não é o “senhor da notícia”, o narrador onisciente, e sim uma pessoa atuante na reportagem, fazendo experimentos e os dividindo com o leitor.

Essa maneira de se fazer jornalismo, contra a objetividade e a imparcialidade jornalística, ganhou muitos adeptos no Brasil, especialmente em revistas como a *Trip*, a *Piauí* e a edição brasileira da *Rolling Stone*. Hunter Thompson chegou a trabalhar para a revista durante sua carreira jornalística.

## **2 O Jornalismo de Viagem**

O ato de viajar sempre esteve atrelado ao jornalismo. Seja na cobertura de uma guerra, de uma Copa do Mundo ou de um evento em outro estado ou cidade fora

do meio de comunicação em que trabalha, o jornalista viaja a lugares (muito próximos ou distantes) para dar ao relato do fato a chamada “cor local” ou o “olhar estrangeiro”. Praticada desde os tempos da Grécia antiga, a crônica de viagens é um instrumento fundamental na descrição de acontecimentos históricos, como a carta de Pero Vaz de Caminha ao desembarcar no Brasil em 1500. Homero, em suas andanças, deixa em suas memórias traços etnológicos e culturais dos povos com quem entrou em contato, o que se mostrou valioso para compreender-se hoje o estilo de vida de povos antigos.

Dos jornalistas-literários da atualidade, o polonês Ryszard Kapuscinski é um dos mais importantes do gênero. Kapuscinski, que viveu intensamente o período da Guerra Fria (1945-1991) cobriu eventos ao redor do mundo por mais de 40 anos, com destaque para o continente africano e a antiga União Soviética. Em seus textos, contestados por muitos estudiosos quanto à veracidade dos acontecimentos e pela suposta “invenção” de detalhes das quais não há provas históricas, o jornalista-literário balança em uma linha muito sutil entre a notícia e suas observações e experiências nos países em que fez coberturas. O caso mais célebre é o livro-reportagem *O Imperador*, na qual Kapuscinski reconstrói, por meio de entrevistas em *off*, a ascensão e a queda de Hailé Selassié (1930-1974) ao trono da Etiópia.

No Brasil, o escritor Érico Veríssimo foi um dos maiores expoentes do gênero no século XX. Segundo Denise Ananias, é importante ressaltar a consciência a respeito da realidade social, política e cultural que Veríssimo tinha de sua época.

Tal visão propiciou ao autor uma sólida visão sobre as circunstâncias em que se encontra a posição do *outro* pós-colonial apresentado em seus textos de viagem, sempre respeitando, admirando e aprendendo com os costumes, hábitos, língua e culturas dos locais onde passou.

(Denise Ananias, p.45.)

Durante o período em que passou nos EUA, como viajante e professor de Literatura Brasileira na Universidade de Berkeley, na Califórnia, Veríssimo escreveu livros como *Gato Preto em Campo de Neve* e *A Volta do Gato Preto*, nos quais descreve suas impressões acerca do país em que viveu e trabalhou.

O segmento Jornalismo de Viagens é atualmente um dos mais populares nos meios de comunicação. Com um mundo cada vez mais globalizado e fácil de viajar (parcelamento de viagens, boa rede de transportes) o leitor se interessa cada vez mais

em leituras sobre turismo. No jornal impresso, é cada vez maior a importância de cadernos de viagem e turismo. O segmento de revistas dedicadas ao tema também é muito variado.

Com o mercado de viagem e turismo em expansão, jornalistas-escritores que viajaram para a cobertura de eventos ou trabalham com correspondência internacional, se debruçam na produção de livros-reportagens sobre suas experiências e o material que coletaram, que muitas vezes não tem espaço nos meios de comunicação, seja por falta de espaço no veículo ou por questões de noticiabilidade.

## **PARTE 2- O PRODUTO**

### **1 Uma produção imperial**

IMPERIA nasceu sem ter uma pauta pré-definida. Antes de embarcar para os EUA, tinha apenas uma noção bastante rudimentar da história norte-americana e da situação em que o país se encontrava no final de 2008. O intercâmbio de trabalho nos Estados Unidos apenas se mostrou uma reportagem interessante a medida em que eu vivia a realidade de estrangeiro por lá.

Até a maneira de chegar até a Califórnia, via Nova Iorque, acabou contribuindo para o nascimento da grande reportagem, já que optei em fazer o trajeto de ônibus, o meio de transporte menos utilizado nos EUA para viagens longas e considerado como veículo de gente pobre e imigrante. Fora os três meses de trabalho na

estação de esqui *Donner Ski Ranch*, que são a base da história do livro, inclui também minhas experiências de viagens durante o intercâmbio e tratei de alguns sub-temas, como as diferenças culturais e étnicas entre brasileiros, argentinos e norte-americanos, a crise econômica de habitacional nos EUA e questões políticas nos governos de George Bush (2000-2008) e Barack Obama (2009-2012).

Comecei a escrever as primeiras ideias do livro em fevereiro de 2009, quando ainda estava nos EUA. Ao longo dos quatro meses da experiência, fiz poucas anotações em uma agenda. Não fiz nenhuma entrevista, tendo apenas conversas informais com trabalhadores e os proprietários sobre suas vidas e a situação que estavam vivendo na temporada 2008/2009. Em 2009, fiz muitas leituras para embasar a reportagem e buscar fontes de inspiração.

Dentre as leituras, que incluíram autores do Novo Jornalismo Americano (Gay Talese, Truman Capote e Jack Kerouac) produções de jornalistas literários de fora dos EUA foram muito importantes para a construção de IMPERIA, como *Cabeça de Turco*, do alemão Günter Wallraff, *Ébano: Minha Vida na África*, do polonês Ryszard Kapuscinski e *Gato Preto em Campo de Neve*, do brasileiro Érico Veríssimo.

Mas a grande influência para a reportagem veio das obras de Hunter Thompson, considerado o pré-cursor do Jornalismo Gonzo. IMPERIA não é uma reportagem que possa ser considerada “gonzo”, mas em alguns trechos e na linguagem, com o capítulo seis (Viva Las Vegas), faz referências ao gênero.

A produção da reportagem começou de fato a partir de julho de 2010, já que no primeiro semestre de 2010 eu me dediquei a fazer entrevistas com ex-funcionários e a buscar informações antes de começar a escrever.

## 1.1 O Nome

IMPERIA não existe nos dicionários de português e inglês. O mais próximo do neologismo é o adjetivo *imperial* e a palavra império. Ao longo da História, costumou-se tratar os grandes impérios no masculino (Império Persa, Império Romano, Império Otomano) como forma de se legitimar a força do homem no poder, a força do

patriarcalismo e o papel secundário da mulher na sociedade. Mas se tratando dos EUA, cujo dois dos elementos principais são a águia como animal símbolo e a Estátua da Liberdade, além de que o século XX presenciou o surgimento e a consolidação dos movimentos feministas e no maior equilíbrio dos sexos no mercado de trabalho e na sociedade, resolvi tratar o Império Americano no feminino a fim de chamar a atenção do leitor e pelo fato de a palavra ter uma sonoridade forte e bonita para mim.

## **1.2 O narrador-repórter**

Para que o leitor não se iluda e busque na reportagem uma opinião parcial e estritamente objetiva, assumo desde o início da história o papel de narrador-repórter. Escrevi o livro em primeira pessoa, já que IMPERIA se constitui de crônicas pessoais, construídas a partir do meu olhar estrangeiro dos EUA. Durante a produção do livro-reportagem, sempre busquei deixar claro meu ponto de vista e me incluir nas histórias ao longo da narrativa, me aproximando muito nesse aspecto com o estilo “gonzo”, da participação e interferência ativa do repórter durante a reportagem.

## **2 Metodologia**

Enquanto eu fazia a imersão na viagem e na vida de trabalhador de uma estação de esqui, tinha o hábito de, a cada dia trabalhado, anotar a hora de entrada e a de saída do expediente em uma agenda. Fiz também algumas anotações e alguns desabafos que usei na construção da grande reportagem. Nos Anexos do livro, incluí o cronograma de trabalho ao longo de três meses com os horários de trabalho, fatos importantes que aconteceram e minha folha de pagamento. Não usei gravadores nem blocos de anotações durante a temporada nos EUA. O restante da reconstituição da narrativa foi feito do resgate da minha memória e de entrevistas e depoimentos de ex-trabalhadores de *Donner Ski Ranch*, feitos entre abril e maio de 2009.

Um ano após a experiência do *Work and Travel* e com o projeto pré-definido, voltei a entrar em contato com os ex-trabalhadores e a gerência de *Donner*. Utilizei a internet (MSN, Orkut, email e Facebook) para agendar as entrevistas. Os donos da estação de esqui não quiseram conceder entrevista. Dos 80 ex-funcionários estrangeiros da temporada 2008/2009, entrevistei cerca de 20 deles, fazendo viagens ao Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina), Rio de Janeiro, Niterói e São Paulo.

Durante as viagens, queria me interar do que tinha acontecido com alguns dos ex-funcionários, aonde e como moravam. Mas as entrevistas tinham como assunto central a experiência de intercâmbio. Nestas ocasiões, utilizei gravador e bloco de anotações, já que queria preservar os sotaques de cada entrevistado e colocá-los na íntegra na reportagem e que a narrativa não tivesse apenas a minha visão parcial dos acontecimentos.

### **3 Construção e linguagem**

#### **3.1 *On the Road***

Durante a leitura de *IMPERIA*, vem a sensação de se estar em um *road movie*, em uma viagem em uma estrada longa, cujas paradas vão desenhando uma história. A construção da reportagem convida o leitor a viajar ao longo desse trajeto norte americano. Separada em dez capítulos, em ordem cronológica dos acontecimentos, o livro-reportagem traça, na introdução e no capítulo de abertura, um breve relato da construção dos Estados Unidos e sua vocação para se tornar um império, além do primeiro contato do narrador-repórter com o leitor.

A estrutura textual do livro-reportagem adotou textos curtos e com muitos inter-títulos para dar velocidade a narrativa e procurar que o leitor se mantenha sempre curioso para ler o próximo capítulo ou a próxima história. Nos quatro anos de

minha graduação, tive a oportunidade de trabalhar no semanário *A Voz Regional*, escrevendo uma coluna sobre música (*Musicando*) sobre futebol (*Redondas*) além da série *Interiores* e *Interiores Brasil*, sobre experiências de viagem em países da América Latina. Me acostumei a escrever textos curtos, de quatro mil caracteres, e com títulos pequenos e chamativos. Usei essa bagagem jornalística para escrever *IMPERIA*, cujos títulos dos capítulos e dos inter-títulos têm no máximo cinco palavras e abusam da criatividade e de uma atmosférica vaga para atiçar a curiosidade do leitor.

A narrativa pode-se dividir em “dois olhares”: o primeiro é o olhar do jornalista, que por meio de investigação (entrevistas, depoimentos, leituras) narra acontecimentos históricos (a formação dos EUA) e questões políticas, sociais e culturais. O segundo olhar explora o “eu”, a visão subjetiva do personagem, suas observações sobre os acontecimentos.

Pode-se também dividir a narrativa em duas: o universo “macro” e o universo “micro” do narrador-repórter. No macro universo, a história norte-americana vai se mostrando no início do livro, seguida pela viagem de Nova Iorque até a Califórnia de ônibus (capítulos um, dois e três). A partir da chegada da minha chegada à Califórnia, mais especificadamente a região de Truckee, o universo se torna “micro”, concentrado nas histórias que aconteceram em *Donner Ski Ranch*, no *Ski Inn* e na casa dos brasileiros (capítulos quatro a oito). Nos dois capítulos finais, volta-se a abrir o universo “macro” com a narração da viagem por alguns pontos dos EUA e a volta ao Brasil.

### **3.2 Língua preta**

A linguagem de *IMPERIA* está impregnada de subjetividade, de anti-eufemismos, de palavrões e de um humor corrosivo e muito distante das convenções do politicamente correto. Trabalha com elementos intertextuais, principalmente entre a literatura e o cinema. A ideia de se usar uma linguagem oral é a que o leitor tenha a sensação de que os personagens “conversam” durante a narrativa, que exprimem o seu “psicológico” por meio de palavrões, gestos, interjeições, opiniões.

Optei também pelo não uso do politicamente correto, que vem pautando o jornalismo convencional. Ao invés de afro-americano, o *negão*. No lugar de pessoa com excesso de peso, o *gordo*. Tentei assim, me aproximar da maneira em que as pessoas em *Donner Ski Ranch* e na região de Truckee se expressavam. Eu ouvia com muita frequência trabalhadores da estação se tratando com frases muito ofensivas, inúmeros palavrões e sem se preocupar em ser politicamente correto. O ambiente do lugar (muito frio, poucas opções de emprego e futuro profissional, alcoolismo, uso desenfreado de drogas, depressão) influenciava muito no comportamento dos locais.

A construção textual de IMPERIA, que apresenta um “estilo” bastante autoral de se escrever, se inspira muito no Jornalismo Gonzo de Thompson (*O Diário de um bêbado*) e no *tramp*, o estilo do andarilho, do escritor mal criado e irreverente, tão bem representado por Charles Bukowski.

## **4 Projeto Gráfico**

### **4.1 A diagramação**

Diagramar um texto para que o leitor encontre espaços em branco para “arejar” a leitura e a tornar mais agradável. Ao longo de todo o livro se encontram contrastes entre o negro da letra e os espaçamentos duplos em branco. A idéia era de manter a atmosfera “vaga” da história, que vai se desenrolando de maneira rápida. Na abertura de cada parágrafo dos capítulos, foi utilizada a fonte Base 2, procurando dar um aspecto sujo e cinzento à diagramação. Essa fonte também foi utilizada para indicar os anexos e as referências. Na capa, que ainda não é a definitiva, optou-se por uma fonte mais sóbria e imitando o estilo romano para dar um ar imperial.

## 4.2 Uso das imagens e os anexos

Após o título de abertura de cada capítulo, uma foto, sem legenda para explorar a curiosidade, inicia a história. Todas as nove fotos de abertura foram escolhidas e dispostas de maneira proposital, a fim de se trabalhar a intertextualidade entre o texto e a imagem. Apenas nos capítulos um e nove foram colocadas fotos junto com o texto. A intenção é a de deixar o texto fluir sem muitas interferências imagéticas, deixando o leitor curioso para seguir até os anexos, onde existe um ensaio fotográfico, feito de maneira descompromissada com a cronologia, separado em tópicos do intercâmbio (a região de Truckee, *Donner Ski Ranch*, o *Ski Inn* e a casa dos brasileiros, os personagens e as viagens) e com cada tópico diagramado de uma maneira, procurando variar as formas de diagramação. Nos anexos também se encontram alguns desenhos, feitos por mim e Raoni Andrighetti, para um possível logo da estação de esqui.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: 2002. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: 2003. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: 2003. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: 2002. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: 2006. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo, Editora Ática, 2007.

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. Londres, Editora Penguin Books, 1966.

CHUNG, Su Kin. **Las Vegas: ontem e hoje**. Las Vegas, Editora Thunder Bay Press, 2008.

ESPOSITO, Joe e LOMBARDY, Daniel. **Remember Elvis**. Nova Iorque, Editora TCBJOE, 2006.

FUSER, Igor. **Os Donos do Mundo**. Revista Aventuras na História, págs 26-33, São Paulo, Editora Abril, julho 2005.

KEROUAC, Jack. **On the Road**. São Paulo, Editora L&PM, 2004.

KIERNAN, V. G. **Estados Unidos: O Novo Imperialismo**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2009.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Ébano, minha vida na África**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2007.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1995.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo, Editora Contexto, 2004.

PIETERSE, Jan Nederveen. **O Fim do Império Americano? Os Estados Unidos depois da crise**. São Paulo, Editora Geração Editorial, 2009.

ROMANO, Douglas Henrique Barros e MARTINS, Lilian Juliana. **Suplemento Aposto: A Inserção do “Jornalismo Literário” no Jornalismo Impresso Diário**. Bauru, 2006.

TALESE, Gay. **A Mulher do Próximo**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1980.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2004.

THOMPSON, Hunther S. **Medo e Delírio em Las Vegas: Uma Jornada Selvagem dentro do Sonho Americano**. São Paulo, Editora Conrad do Brasil, 2007.

VERISSIMO, Erico. **Gato Preto em Campo de Neve**. São Paulo, Editora Globo, 1987.

WALLRAFF, Günter. **Cabeça de Turco**. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1985.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

## **Artigos**

ANANIAS, Denise de Castro. **Literatura de Viagem: Trajetórias e Percursos- Análise em A Volta do Gato Preto e México de Érico Veríssimo**. Porto Alegre, 2006.

FARO, José Salvador. **A Imprensa Brasileira e a revista Realidade**. Escola de Comunicação e Artes, 1999. Disponível em <[HTTP://www.eca.usp.br/alaic/Congresso1999/14gt/Jos%C3%](http://www.eca.usp.br/alaic/Congresso1999/14gt/Jos%C3%>)>. Acesso em 11 de novembro.2010.

